

PROGRESSOS DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA E NÍVEIS DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Antônio Suárez ABREU¹

- RESUMO: Este artigo procura mostrar a importância do paradigma cognitivista e seus recentes progressos na descrição da linguagem humana, defendendo a manutenção dos chamados níveis de análise lingüística, como forma de tornar operacionais os procedimentos de descrição.
- PALAVRAS-CHAVES: Lingüística cognitiva; níveis de análise; espaços mentais; metáfora; *blendind*.

Relevância do modelo cognitivista

Os modelos tradicionais de descrição lingüística fazem uso dos chamados níveis de análise lingüística. O modelo da gramática tradicional utiliza três níveis: fonética, morfologia e sintaxe. Os modelos estruturalista e gerativista substituem o nível da fonética pelo da fonologia. Os estruturalistas utilizavam a fonologia como ponto de partida para a descrição e o gerativismo, a sintaxe. O modelo funcionalista inova, acrescentando os chamados níveis transfrásticos: texto, enunciação e discurso, uma vez que o caráter funcional da linguagem humana somente pode ser observado em um texto, em interação discursiva. Quando eu digo a alguém: – *Finalmente, meu pai conseguiu comprar o carro!*, só consigo descrever a funcionalidade do artigo definido que modifica o substantivo *carro*, se levar em conta um processo discursivo em que esse artigo tem a função de assinalar que o veículo em questão já era conhecido do meu interlocutor, previamente à construção desse texto. A Lingüística cognitiva, que nasce nos anos 80, a partir da tradição funcionalista, enfatiza, como pré-requisito para a descrição lingüística, o uso de um conhecimento prévio do mundo (*backstage, cognition*) de que fazem parte fatores biológicos, psicológicos, históricos e sócio-culturais, como afirma Langacker (1999, p.14, tradução nossa):

¹ Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil. E-mail: tom_abreu@uol.com.br.

A maior parte dos lingüistas basicamente funcionalistas e cognitivistas acredita que a linguagem é moldada e delimitada pelas funções para as quais serve e por uma variedade de fatores inter-relacionados: ambientais, biológicos, psicológicos, evolutivos, históricos, sócio-culturais.²

De fato, como entender, sem essas orientações, o seguinte trecho, parte de um artigo intitulado "De vento em popa", de autoria da jornalista Eliana Cantanhêde (2003, p. 2):

Lula voltou ontem de Quito, no Equador, com o primeiro troféu da nova política externa [...]. Início de governo, novas políticas, teses, ações. E, evidentemente, críticas dos que vinham tocando o barco e agora se sentem subitamente fora. Acusam o novo governo, aliás, de ter desviado o leme do Itamaraty para o Planalto, onde o assessor internacional do PT e agora de Lula, Marco Aurélio Garcia, dá os rumos e pode gerar confronto com os EUA [...]. Hoje a turma está dividida entre os que aplaudem e os que temem as ousadias de Lula e Marco Aurélio, mas os dois lados acham que, em caso de necessidade, a solução está logo ali e se chama Celso Amorim. O chanceler está atuando em dobradinha com Garcia e tem cara de tímido, mas é bom de serviço. Se algo ratear, estará pronto para assumir o leme sozinho. Quanto aos marinheiros embaixadores e diplomatas em geral? Hoje, ainda há viúvas tucanas. Se der errado, eles se fortalecem. Se der certo, serão todos petistas desde criancinhas.

Inicialmente, é preciso que se entenda que, do ponto de vista histórico-institucional, o Ministério de Relações Exteriores é que tem a tradição de comandar o relacionamento entre o Brasil e os outros países. Isso configura um pré-requisito histórico e sócio-cultural. É preciso entender, também, que a autora do texto está utilizando uma metáfora de percurso no mar, para descrever o problema em questão. Daí expressões como *desviar o leme*, *tocando o barco*, *dar rumos*, *assumir o leme*, *marinheiros embaixadores e diplomatas em geral*. Isso configura um pré-requisito psicológico-cognitivo. É preciso que se entenda também que *Itamaraty* e *Planalto* são nomes dos palácios que abrigam, respectivamente o Ministério de Relações Exteriores e a chefia do Poder Executivo. Trata-se de um processo cognitivo denominado metonímia.³ É preciso, ainda, que se entenda a expressão *viúvas tucanas*. Trata-se de acionar o *frame* sócio-cultural do luto das viúvas pelo sentimento da perda do marido associado ao adjetivo *tucano* que se refere aos filiados ou simpatizantes do PSDB, partido que perdeu a eleição para presidente, em 2002. Na frase seguinte, estranhamente, a referência de *viúvas tucanas*, que está no feminino, é retomada no masculino: *eles se fortalecem*. É preciso

² No original: "Most basically, cognitive and functional linguistics believe that language is shaped and constrained by the functions it serves and by a variety of related factors: environmental, biological, psychological, developmental, historical, sociocultural".

³ Há por trás dessa metonímia, uma outra, perdida na História. O nome *Itamaraty* vem de um antigo palácio carioca que, na época do Império, era residência do Conde de Itamaraty e que, depois de ter servido de sede ao governo republicano de Floriano Peixoto, foi transformado em local de funcionamento do Ministério de Relações Exteriores, no início do século XX, quando o Barão do Rio Branco era ministro. Esse procedimento de utilizar edifícios para denominar atividades governamentais é comum também em outras línguas. Exemplo disso é chamar o Ministério de Relações Exteriores da França de *Quai d'Orsay* e a presidência da república francesa de *Elisée*.

resolver esse estranhamento, vindo aí uma concordância *ad sensum*, feita por iconicidade, uma vez que as tais viúvas são, na verdade, os embaixadores e diplomatas ainda inconformados com a derrota sofrida pelo partido do governo.

Esse tipo de análise parece estar de acordo com o que diz Fauconnier (1999b, p. 96, tradução nossa), quando afirma que:

A linguagem é apenas a ponta de um espetacular iceberg cognitivo e, quando nos empenhamos em qualquer atividade de linguagem, seja ela comum ou artisticamente criativa, buscamos, inconscientemente, imensos recursos cognitivos, trazemos à lembrança inúmeros modelos e frames, estabelecemos múltiplas conexões, agregamos uma grande quantidade de informação, e nos empenhamos em mapeamentos criativos, transferências e elaborações.⁴

Diz mais além que: “Os construtos, operações e dinâmica cognitivos e o entendimento de sistemas conceptuais tornaram-se o foco central da análise” (FAUCCONNIER, 1999b, p. 97, tradução nossa).⁵

Diz também que: “Isso significa estudar o discurso integralmente, a linguagem no contexto, inferências atualizadas por participantes em uma troca, *frames* utilizáveis, suposições implícitas e modelos interpretáveis, para citar apenas alguns” (FAUCCONNIER, 1999b, p. 97, tradução nossa).⁶

Tudo isso dito, ficam algumas perguntas: Por onde começar? Será que teremos de trabalhar sobre o caos? Como ficam os estudos estritamente gramaticais dentro desse modelo?

Progressos nos estudos da Lingüística cognitiva

Em primeiro lugar, é preciso dizer que os avanços sobre os estudos de modelos cognitivos, mapeamentos criativos e transferências, para citar apenas um exemplo, vêm sendo altamente significativos, o que, já de início, nos afastaria do caos. Basta lembrar o progresso feito no estudo da metáfora, nos últimos dez anos. De figura retórica e estilística, passou a ser vista como um processo cognitivo de grande importância para o funcionamento das línguas e da mente humana. Quanto à sua natureza, os estudos iniciais de Lakoff e Johnson, nos anos 80, culminaram com a atual teoria de *blending*, altamente promissora. Segundo Lakoff e Johnson (1980), em *Metaphors we live by*, a me-

⁴ No original: “Language is only the tip of a spectacular cognitive iceberg, and when we engage in any language activity, be it mundane or artistically creative, we draw unconsciously on vast cognitive resources, call up innumerable models and frames, set up multiple connections, coordinate large arrays of informations, and engage in creative mappings, transfers, and elaborations”.

⁵ No original: “The cognitive constructs, operations, and dynamics, and the understanding of conceptual systems have become a central focus of analysis”.

⁶ No original: “This means studying full discourse, language in context, inferences actually drawn by participants in an exchange, applicable frames, implicit assumptions and construal, to name just a few”.

táfora seria uma maneira de experienciar uma coisa a partir de uma outra coisa, ou seja, partir de um domínio de origem, como, por exemplo, o jogo, para falar de amor. Dessa maneira, podemos construir um texto, dizendo que, *no decorrer de um relacionamento, um dos amantes vem cometendo faltas demais e que, por isso, já está merecendo ser expulso do campo do jogo amoroso*. Aliás, Vinícius de Moraes utilizou, de maneira bastante criativa, essa metáfora em sua música *Regra Três* (TOQUINHO; MORAES, 2003), feita em parceria com Toquinho e cujo início apresenta os seguintes versos:

Tantas você fez que ela cansou
Porque você, rapaz
Abusou da regra três

A regra três do futebol trata do número de jogadores em campo e determina os critérios de substituição deles, durante uma partida. O ouvinte da música deve entender, portanto, que o rapaz em questão “substituiu” a namorada por outras, com exagero, ou seja, traiu a companheira diversas vezes.

A teoria de *blending* faz uma nova leitura do modelo anterior, dentro da TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS, sobre os quais dizem Fauconnier e Turner (2002, p.40, tradução nossa): “Espaços mentais são pequenos pacotes conceituais construídos quando pensamos e falamos, com o propósito de entendimento específico e ação”.⁷

Um exemplo desses pacotes conceituais pode ser visto em uma pequena matéria da seção “Radar” em um número da revista Veja:

Culpa de São Pedro

Neste primeiro bimestre, o setor de bebidas está vendendo 10% a mais de cervejas e refrigerantes do que no ano passado. É uma boa notícia, mas não se trata exatamente de reativação da economia. Os responsáveis por tanta sede são o sol inclemente e os poucos dias de chuva desse verão em comparação com janeiro e fevereiro do ano passado (JARDIM, 2003, p.31).

Quando o leitor lê o título da matéria, já ativa, em sua mente, um espaço mental onde existe a crença popular de que São Pedro é responsável pelos fenômenos meteorológicos do planeta. Em função disso, apesar de a explicação do aumento de consumo de bebidas vir apenas na última frase, desde o início da leitura, ele é capaz de prevê-la.

Voltando à teoria de *blending*, segundo Fauconnier e Turner (2002), tanto o domínio de origem quanto o domínio alvo, propostos por Lakoff e Johnson (1980), funcionam como espaços mentais de *inputs*, a partir dos quais é criado um terceiro espaço

⁷ No original: “Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action”.

mental denominado de *espaço genérico*, que contém os elementos estruturais e de organização mais comuns, compartilhados por ambos os *inputs* anteriores. No caso da música *Regra três* (TOQUINHO; MORAES, 2003), teríamos como *input 1* (jogo de futebol), algo como:

Número máximo de jogadores em campo = 11
Número mínimo = 7
Jogadores que podem ser substituídos = até o máximo de 3
Jogadores substituídos devem entrar pela linha central do campo
etc. etc.

O *input 2* (relacionamento amoroso) seria algo como:

Número de participantes: 2 (um homem e uma mulher)
Motivo da participação: amor = atração física, mental etc.
Objetivo: preservação da espécie, via procriação
Pode acontecer de um dos participantes, de maneira velada, arrumar outro parceiro, durante a relação, o que configura traição
etc. etc.

O espaço genérico seria algo como:

substituição de jogadores (até o número máximo de três)
arranjar outro parceiro, veladamente, durante o relacionamento

Finalmente, esse espaço genérico é projetado em um novo espaço denominado espaço *blend* que teria a seguinte configuração:

- o parceiro masculino substitui sua parceira, sem o conhecimento dela;
- essa substituição faz parte de uma regra implícita (machista, obviamente) fundamentada em dados histórico-culturais, a respeito do comportamento masculino.

Segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 48), aquilo que existe no espaço *blend* não existe nem no *input 1*, nem no *input 2*. Não existe, no futebol, por exemplo, nenhuma situação em que um jogador seja substituído às escondidas, permanecendo o outro em campo; nem existe, no relacionamento amoroso, um conjunto de regras que permita a traição, sancionado por uma *World Relationship Association*⁸. Para entender melhor o que isso significa, podemos tomar como exemplo a origem dos tanques de guerra, cuja invenção também envolveu um processo de *blend*. O *input 1* foram os tratores agrícolas, que andavam sobre qualquer terreno e o *input 2* foram os canhões de

⁸ Semelhante à *World Football Association*.

artilharia. Juntando a idéia de movimentar-se sobre qualquer terreno com a idéia dos canhões, criou-se um veículo blindado, equipado com um canhão, capaz de deslocar-se em qualquer terreno. Nem no *input* 1 existe a idéia bélica, nem no 2, a de trabalho agrícola.

Esse mecanismo faz parte dos nossos processos cognitivos diários e está na origem de toda a criatividade humana. Concordo, pois, com Fauconnier (1999a, p.181, tradução nossa), quando diz que: “nas nossas ações diárias e na fala também realizamos um significativo *blending* criativo *on-line*”.⁹

Continuando a defesa da tese de que os avanços a respeito das “ferramentas cognitivas” são, de fato, consistentes, posso lembrar aqui uma posição mais recente de Lakoff e Johnson (1999), procurando demonstrar as origens cognitivas do processo de *blending*. Segundo eles, existem metáforas primárias, vinculadas a experiências subjetivas, ligadas à infância das pessoas:

Adquirimos um vasto sistema de metáforas primárias, automaticamente e inconscientemente, simplesmente por existirmos, nas maneiras mais comuns no mundo diário, desde os primeiros dias de vida. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 47, tradução nossa)¹⁰

Exemplos de metáforas primárias podem ser encontrados, por exemplo, nas idéias de que *o afeto é tépido, quente* e que *o importante é grande*. Segundo os autores, o processo de *blending* envolveria, respectivamente:

a) O afeto é quente

Julgamento subjetivo: afeição

Domínio sensório-motor: temperatura

Exemplo: Ela me recebeu calorosamente.

Experiência primária: a percepção do calor, quando a criança é abraçada afetuosamente.

b) O importante é grande

Julgamento subjetivo: importância

Domínio sensório-motor: tamanho

Exemplo: Amanhã será um grande dia.

Experiência primária: quando criança, descobrir que as coisas grandes, como os pais, são importantes e podem exercer forças maiores sobre ela e dominar sua experiência visual.

⁹ No original: “in everyday action and speech we also perform a significant ‘creative’ on-line blending”.

¹⁰ No original: “We acquire a large system of primary metaphors automatically and unconsciously simply by functioning, in the most ordinary of ways in the everyday world from our earliest years”.

A partir da vivência das metáforas primárias, vão surgindo, após, as metáforas complexas, como as que subjazem ao artigo de Cantanhêde (2003) e à letra de Vinícius (TOQUINHO; MORAIS, 2003).

Aplicações da Lingüística funcional cognitiva na descrição lingüística

Peter Harder (1999) discute, em um instigante artigo, a questão do continuísmo ou não da Lingüística cognitiva, entendendo como continuísmo o abandono, no estudo da linguagem humana, das fronteiras e do método representados pelos níveis de análise lingüística. Segundo ele, não há como negar os benefícios da nova postura epistemológica, mas é preciso levar em conta uma autonomia parcial dos fatos lingüísticos em relação aos fatos sociais, biológicos ou históricos. Segundo ele:

A expressão-chave para esse desafio será 'autonomia parcial', entendida como fato central a respeito da relação entre domínios relacionados: fatos cognitivos são parcialmente autônomos em relação a fatos brutos; fatos lingüísticos são parcialmente autônomos em relação a fatos da experiência; fatos sintáticos são parcialmente autônomos em relação a fatos relacionados ao sentido de elementos e fatos sociais são parcialmente autônomos em relação a fatos mentais. Essa expressão implica também que os domínios em questão são parcialmente não-autônomos (HARDER, 1999, p. 196, tradução nossa).¹¹

Argumenta ele, por analogia, que se trata de fazer algo semelhante a levar em conta a diferença funcional entre órgãos em um corpo biológico. É claro que todos eles são compostos de átomos e moléculas, mas podemos, perfeitamente estudar, separadamente, a organização particular de cada um deles e suas relações, assim como podemos estudar a sintaxe, em sua organização e relações. Afinal de contas, diz Harder (1999, p197, tradução nossa), "[...] mas você não pode ter corações e pernas e estômagos flutuando aleatoriamente, combinando-se ocasionalmente, formando um animal, como um todo".¹²

Tomemos como exemplo dessa posição, um tópico dentro do estudo dos substantivos compostos em português, no nível de análise da morfologia. Vejamos, inicialmente, os seguintes exemplos:

¹¹ No original: "The key phrase for this endeavor will be 'partial autonomy', understood as a central fact about the relationship between related domains: cognitive facts are partially autonomous of brute facts; linguistic facts are partially autonomous of experiential facts; syntactic facts are partially autonomous of facts about the meaning of elements and social facts are partially autonomous of mental facts. This phrase implies also that the domains in question are partially non-autonomous".

¹² No original: "but you cannot have hearts and legs and stomachs drifting around, occasionally combining into a whole animal".

cirurgião-dentista	salário-família
carro-bomba	hora-aula
testemunha-bomba	efeito-cascata
palavra-chave	vôo-demonstração
funcionário-fantasma	caneta-tinteiro
programa-piloto	cavalo-vapor
operação-padrão	tiquete-alimentação

A primeira observação é que os substantivos da coluna da direita, quando pluralizados, aparecem na mídia escrita com marcação apenas no primeiro elemento:

salários-família
 horas-aula
 efeitos-cascata
 vôos-demonstração
 canetas-tinteiro
 cavalos-vapor
 tíquetes-alimentação

Já os substantivos da coluna da esquerda, na maioria das vezes, recebem a marca de plural em ambos os elementos. Algumas poucas vezes, apenas o primeiro elemento a recebe.¹³ A maioria dos dicionários e gramáticas dá como adequados os dois plurais.

O motivo por que os substantivos da coluna da direita recebem a marca de plural apenas no primeiro elemento está ligado ao fato de que existe sempre, entre os dois elementos, um nexos de subordinação, em que se subentende, cognitivamente, uma preposição entre um e outro. Trata-se da aplicação do princípio de que a preposição, em português é uma barreira para a concordância. O plural de uma frase como *A mesa de mármore é grande* será *As mesas de mármore são grandes* e não **As mesas de mármore são grandes*. Da mesma maneira que, aplicando esse princípio, fazemos o plural de *pé-de-cabra* como *pés-de-cabra*, fazemos também o plural desses substantivos como:

salários (para) família
 horas (de) aula
 efeitos (de) cascata
 vôos (de) demonstração
 canetas (com) tinteiro
 cavalos (de) vapor
 tíquetes (para) alimentação

¹³ Essas informações foram obtidas por mim, levantando a pluralização desses substantivos em edições atuais de jornais e revistas brasileiros, via Internet. O substantivo *palavra-chave* tem como plural mais comum no meio acadêmico: *palavras-chave*.

Nos substantivos da coluna da esquerda, entretanto, temos de levar em conta outros fatores de ordem cognitiva. Existe entre cada um dos dois elementos, um nexos de coordenação e não de subordinação, resultado de um processo cognitivo de predicação. Um *cirurgião-dentista*, cognitivamente, é um *cirurgião que é dentista*, ou seja, *cirurgião e dentista*. Um *carro-bomba* é um *carro que é bomba, carro e bomba*. Na maioria desses casos, temos também um processo metafórico de *blend*, como em *funcionário-fantasma*, um *funcionário que é fantasma*, portanto *funcionário e fantasma*; *palavra-chave*, uma *palavra que é chave*, portanto, *palavra e chave*; *célula-tronco*, uma *célula que é tronco*, portanto, *célula e tronco*.

Não havendo nexos de subordinação e não havendo, portanto, preposição implícita, a maneira natural de pluralizar esses substantivos, cognitivamente, é pôr ambos os elementos no plural:

cirurgiões que são dentistas → cirurgiões e dentistas → cirurgiões-dentistas
funcionários que são fantasmas → funcionários e fantasmas → funcionários-fantasmas
palavras que são chaves → palavras e chaves → palavras-chaves
células que são troncos → células e troncos → células-troncos

Vejam-se, a propósito, exemplos desses dois últimos plurais na mídia eletrônica:

Busca por *palavras chaves*

Outra maneira para efetuar buscas no banco de dados é uma busca por *palavras chaves*, permitindo acesso a dados obtidos, por exemplo, com um determinado instrumento ou dentro de uma região limitada de massa de ar. Um link na Página de Bem-vindo leva para um formulário estruturado em três partes:¹⁴

Filtragem por *palavras-chaves* do E-mail Protegido

Este filtro é destinado ao bloqueio de mensagens indesejadas, por meio de *palavras-chaves*. Você pode, inclusive, adicionar frases como “aumente sua renda” ou “trabalhe em casa” (confira abaixo mais algumas sugestões), além de escolher os campos nos quais deseja que o E-mail Protegido.¹⁵

Alguns dos pacientes que retiraram as *células troncos* já estão sendo chamados para fazer a infusão das células, já trabalhadas em laboratório.¹⁶

Células-troncos: São células presentes sobretudo no embrião, capazes de se transformar em qualquer outra célula especializada necessária ao funcionamento dos órgãos (fígado, cérebro etc) ou tecidos (músculos, ossos etc).¹⁷

¹⁴ <http://www.lna.br/~databank/docs/bolsab/node11.html>

¹⁵ <http://informatica.terra.com.br/interna/0,5862,01113103-EI928,00.html>

¹⁶ http://www.spsul.com.br/itap/edneimiguel/enika_celulatronco.htm

¹⁷ <http://www.ambafrance.org.br/abr/label/label49/dossier/01.html>

As palavras da coluna da direita não apresentam essa propriedade cognitiva, uma vez que não podemos, por exemplo, dizer que um *salário-família* é um *salário que é uma família*, ou que uma *hora-aula* é uma *hora que é uma aula*.

O fato de as palavras da primeira coluna aparecerem, às vezes, pluralizadas com marcação apenas no primeiro elemento, na mídia, e os dicionários da língua admitirem os dois plurais explica-se pelo fenômeno da hipercorreção ou “insegurança linguística”, estudado pela sócio-lingüística.

Uma outra curiosidade: recentemente, em alguns órgãos de comunicação, a expressão *perigo de vida* tem aparecido mudada para *perigo de morte*. A alegação é que o perigo é de morrer e não de viver. Esquecem-se os autores dessa mudança de que o que subjaz, cognitivamente, à expressão *perigo de vida* é *perigo de perder a vida*, um eufemismo típico da língua portuguesa, que é possível verificar em qualquer estudo de história da língua.

Concluindo, a abordagem funcional-cognitiva de uma língua, que consiste na exploração dos fenômenos biológicos, mentais, sócio-culturais, históricos ligados a ela, vem progredindo de maneira bastante consistente e nada impede que esse trabalho seja feito, respeitando a organicidade e a metodologia consagrada dos chamados níveis de análise linguística.

ABREU, A. S. Advances in cognitive linguistics and levels of linguistic analysis. *Alfa*, São Paulo, v.47, n.2, p. 9-19, 2003.

- **ABSTRACT:** *This paper looks at the Cognitive Linguistics framework and its contribution to the description of language. It shows that the maintenance of the so-called levels of linguistic analysis is methodologically necessary for rendering the descriptive procedures operational.*
- **KEYWORDS:** *Cognitive linguistics; levels of analysis; mental spaces; metaphor; blending*

Referências bibliográficas

- CATANHÊDE, Eliane. De vento em popa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 jan. 2003. Caderno A, p. 2.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a.
- _____. Methods and generalizations. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela (Ed). *Cognitive linguistics: foundations, scope, and methodology*. New York: Mouton & De Gruyter, 1999b. p. 95-127.
- HARDER, Peter. Partial autonomy, ontology and methodology in cognitive linguistics. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela (Ed.). *Cognitive linguistics: foundations, scope, and methodology*. New York: Mouton & De Gruyter, 1999. p.195-222.
- JARDIM, Lauro. Culpa de São Pedro. *Veja*, São Paulo, v.36, n.9, 5 mar. 2003. Radar, p.31.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. Assessing the cognitive linguistic enterprise. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela (Ed.). *Cognitive linguistics: foundations, scope, and methodology*. New York: Mouton & De Gruyter, 1999. p.13-59.

TOQUINHO; MORAES, Vinícius. Regra Três. Disponível em:

<http://www.na-cp.mp.br/~murgel/MPBNet_musicos/vinicius.de.moraes/letras/>.

Acesso em: 19 jan. 2003.